

CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL PARA COMPREENSÃO DAS POSSIBILIDADES FORMATIVAS DE LICENCIANDOS EM FÍSICA EM ESPAÇO NÃO FORMAL

Kalinka Walderea Almeida Meira¹
Marcelo Gomes Germano²
Alexsandro Coelho Alencar³

RESUMO

Sendo a História Oficial consagrada por interpretar os fatos com o auxílio exclusivo da documentação escrita e oficial, a História Oral vem sendo utilizadas como uma alternativa por se apresentar como forma de captar experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vivência, mantendo um compromisso com o contexto social. Atualmente muitos estudos que procuram entender os processos de formação inicial e continuada de professores têm motivado investimentos em teorização na metodologia de História Oral. Os procedimentos de entrevistas em História Oral, transcorrem do oral para o escrito e envolvem: gravação, transcrição, textualização, e consentimento ao direito autoral. A escolha do tema desse texto está diretamente ligada a utilização da metodologia de História Oral em minha pesquisa que versa sobre as contribuições de um Espaço Não Formal para a formação inicial de professores de Física. Buscamos apresentar então a perspectiva de alguns autores sobre como a História Oral vem sendo pensada enquanto metodologia de pesquisa, ademais suas possibilidades, dificuldades e contribuições, minhas escolhas e reflexões. Acreditamos então que esse texto poderá servir de subsídio para pesquisadores que queiram se utilizar dessa metodologia por acreditarem ser importante revelar os personagens, suas vivências, suas experiências, suas lutas e visões de mundo que apenas nos registros oficiais não seriam possíveis de serem percebidas.

Palavras-chave: Metodologia de História Oral, Ensino de Física, Espaço Não Formal.

INTRODUÇÃO

Pretendemos, ao produzir esse texto, apresentar resumidamente algumas limitações e possibilidades da metodologia de História Oral sob a perspectiva de alguns autores e minha experiência ao utilizar essa metodologia em uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento. É imperioso esclarecer que nosso objetivo não é apresentar as descobertas, nem o caminho metodológico do projeto de pesquisa, mas discutir a natureza prática da metodologia.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalinkawaldereameira@gmail.com.

² Orientador: Doutor em Educação e professor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mggermano24@gmail.com.

³ Coorientador: Doutor em Educação Matemática e professor da Universidade Regional do Cariri - URCA, alex.alencar@urca.br.

METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

O ato de narrar, segundo Cury (2011, p. 153), é uma das mais antigas faculdades humanas, essencial tanto para a sobrevivência quanto para a transmissão e preservação de heranças identitárias e tradições. Esse ato se manifesta em registros orais ou escritos, se caracteriza, sobretudo, pelo movimento singular de contar e transmitir, por meio de palavras, as lembranças preservadas na memória longo do tempo.

Sob a perspectiva de Matos e Senna (2011, p. 97) a história narrada surge antes de se constituir “na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar, de maneira mais segura e perene, nosso passado.” De forma semelhante aos lugares de memória, as narrativas atuam como instrumentos cruciais na preservação e transmissão de heranças identitárias e tradições.

É então no ato de narrar as memórias individuais e coletivas que se encontram, se fundem e se constituem possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. Portanto, “tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade.”

A metodologia de história oral é uma maneira de fazer pesquisa de cunho testemunhal sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea, realizada através de entrevistas gravadas e como tal, permite a exposição de sentimentos, emoções, memórias, percepções e identidades ao longo de um curso de vida. Na concepção de Meihy (2005, p. 17)

[...] é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecida como história viva. Como expressão de contemporâneos, a história oral tende responder a um sentido de utilidade prática, social e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de apreensão e da eventual análise das entrevistas. Ela mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro, sugerindo que outros possam vir a usá-la.

Sendo a história oficial consagrada por interpretar os fatos com o auxílio exclusivo da documentação escrita e oficial, a história oral se apresenta como uma alternativa por captar experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vivência, mantendo um compromisso com o contexto social. Para Nakamura e Garnica (2018), a história oral é “uma metodologia que vem se constituindo com a própria prática de pesquisar, num

processo que tem se dado nas mais variadas atividades acadêmicas [...] por construir uma metodologia em trajetória.”

De acordo com estudos de Meihy (2005) a primeira experiência de história oral, como atividade organizada, surgiu depois da Segunda Guerra Mundial em 1948 ao ser lançado “The Oral History Project” na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos pelo professor Allan Nevins, por se combinar os avanços tecnológicos (gravação de sons, fotografias e outras formas de registros visuais e auditivos) com a necessidade de registrar experiências importantes vividas por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos promovidos pela guerra.

Em conformidade com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil e Fundação Getúlio Vargas CPDOC - FGV (2020), depois da ampliação da utilização de história oral na década de 1950 nos Estados Unidos, Europa e México, essa forma de registro conquistou também historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e jornalistas, sendo o jornalismo o principal responsável pelo avanço da história oral, pois a base desse meio de divulgação é o depoimento gravado.

Em 1967, nos Estados Unidos com a criação da “Oral History Association” que publicava anualmente a “Oral History Review”, incentivou-se enormemente a utilização da história oral e com isso, a proliferação de programas de história oral em muitas universidades, centros de pesquisa e instituições ligadas aos meios de comunicação.

No Brasil a utilização de história oral foi retardada pelo desdobramento do golpe militar em 1964 que reprimiu toda forma de expressão oral bem como sua divulgação e coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos, havendo um descompasso com o movimento que ocorria em outros países.

De acordo com estudos de Ferreira (1994) foi por volta de 1975 que as primeiras experiências sistemáticas no campo da história oral ocorreram no país, sendo essas promovidas por esforços motivados pela Fundação Ford que juntamente com o Centro de Pesquisa de Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, tentou, sem sucesso, estruturar uma organização ampla e de alcance nacional.

Contudo, num período em que depoimentos poderiam ser interpretados com algo perigoso, não foi possível realizar projetos em que as narrativas pessoais e versões se tornassem comprometedoras ou no mínimo incômodas. Por conseguinte, apenas dois tipos de registro se viabilizaram: os estudos voltados ao passado remoto com níveis de

desconexão do presente; e trabalhos sobre as elites instaladas no poder - a esses trabalhos não faltaram críticas ao CPDOC (Meihy, 1996)

Ainda conforme Meihy (2005), no cenário brasileiro, durante a década de 1980, a história oral não apresentou grandes avanços nos programas das universidades porque a adequada metodologia a ser utilizada ainda não era bem compreendida. Contudo, museus, arquivos, grupos isolados e principalmente a academia manifestavam ansiedade na busca de entendimento. Por esse motivo, buscou-se nas experiências norte-americanas, nos fundamentos dos pressupostos europeus, na nova esquerda inglesa, na nova história francesa, dinamizar a história oral brasileira, com isso alguns pesquisadores passaram a utiliza-la e incorporá-la a novos objetos e temas de pesquisa.

No decorrer da década de 1990, a história oral no Brasil ganhou terreno, “tanto como disciplina, quanto metodologia de pesquisa, sendo reconhecida, institucionalizada e debatida em diversos encontros acadêmicos da área de história e ciências sociais” (Baraldi, 2003, p. 213). De acordo com Ferreira e Amado (2001), com a fundação da Associação Brasileira de História Oral em 1994 (principalmente pela publicação de seu boletim) e a criação da Associação Internacional de História Oral (IOHA) em 1996, estimulou-se ainda mais a discussão entre pesquisadores e praticantes de história oral, assim essa metodologia pôde ser consolidada no Brasil.

Hoje a proposta metodológica da história oral é mais bem aceita e já faz parte do arsenal técnicometodológico geral de um número cada vez maior de profissionais de história e outras disciplinas afins. Já se reconhece a existência de uma tradição acadêmica em muitos lugares do mundo e mesmo em nosso país, em áreas onde se difundiram sistematicamente e se empreenderam modernos projetos de pesquisa cujo ponto de partida e cujo eixo principal forma a história oral. (Lozano, 1998, p. 17)

Seguindo as indicações de Meihy e Ribeiro (2011), nas pesquisas que se utilizem da metodologia de história oral, é essencial realizar um minucioso estudo prévio do percurso dos entrevistados ligado aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, será possível adentrar o universo do indivíduo através das entrevistas e depoimentos gravados. Ademais, é necessário um estudo posterior que conduzirá o pesquisador à compreensão de fatos, possibilidades, dificuldades, posicionamentos, interpretações e relações sociais, apresentados pelos sujeitos investigados em suas narrativas, possibilitando que se estabeleça acesso a relação intersubjetiva do entrevistado com o mundo, com ele mesmo e com o outro.

Kenski (1994, p. 48) ressalta que

[...] o narrado é, praticamente, uma reconceitualização do passado de acordo com o momento presente, da pessoa com quem se está falando e do objeto da narrativa. As pessoas não têm em suas memórias, uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão do passado e transmiti-la oralmente de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento, o da narrativa de uma versão do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias.

O contributo da metodologia da história oral é dado, portanto, pelas possibilidades de compreensão de documentos e outras fontes de consulta associados aos depoimentos. Dessa maneira, é necessária uma coexistência de versões escrito/oral que permita acesso a uma significação de acontecimentos de mundo vivido, individualmente e em coletividade a partir da memória, pois “enquanto se obtém das fontes já existentes material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início.” (Alberti, V. *apud* Freitas, 2002, p. 90).

Como destaca Delgado (2009, p. 22), nesse nosso mundo veloz das mídias de comunicação, aqueles narradores que deixavam “fluir as palavras na tessitura de um enredo, incluindo lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos”, estão sendo cada dia mais e mais deixados de lado. Sobre a credibilidade das narrativas Freitas (2002, p. 73) comenta

[...] a credibilidade da fonte oral não deve ser avaliada por aquilo que o testemunho oral pode frequentemente esconder, por sua inexatidão para com os fatos, mas na divergência deles, onde imaginação e simbolismo estão presentes.

O significado das mensagens em história oral assume, portanto, um caráter essencial que deverá conduzir a uma melhor compreensão dos sentidos das narrativas, desse modo é importante

[...] ressaltar que a fala do depoente não se constitui em “fato histórico”, e isso ocorre, fundamentalmente, porque nossa concepção de História [...] nos leva a, no mínimo, questionar a existência de “fatos históricos” no sentido que lhes dá a historiografia clássica. Em decorrência disso, preferimos usar a expressão “versão histórica”, que é o relato de uma perspectiva – individual ou coletiva – a partir da qual se “vê” o “fato”. (Baraldi, 2003, p. 217)

Concordamos com a perspectiva de Baraldi (2003, p. 218) ao afirmar que a consulta a fontes referenciais, sejam elas, orais ou escritas, não deve ser descuidada. No

entanto, Baraldi e Garnica (2004, p. 3) ressaltam que esse cuidado não deva ser utilizado “nunca como forma de checar, de validação definitiva, de atribuir o carimbo da certeza, mas como forma de complementação, esclarecimento, compreensão de perspectivas e possibilidades”. Nesse sentido, Joutard (2002 apud Baraldi, 2003. p. 219) argumenta que tanto a documentação escrita quanto a memória são essenciais para a reconstituição do passado, uma vez que a história baseada apenas em recordações e lembranças é cientificamente carente. Contudo, aquela na qual a memória não está associada é fria, daí a importância de se juntar as duas.

Para Alencar (2019, p. 15) a captação das narrativas, apresentadas por meio de textualizações produzidas a partir das transcrições das entrevistas gravadas, produzem registros que “se constituirão como fontes historiográficas intencionalmente produzidas que, junto a outras fontes, como as documentais, por exemplo, irão compor os dados para a produção de uma análise historiográfica do contexto estudado.”

Posto isso, compreendemos que em trabalho de história oral, a interpretação de documentos necessita de compreensão apropriada e deve estar em um diálogo evidente com as hipóteses da oralidade, pois como asseguram Meihy e Ribeiro, o pesquisador para uma “boa realização de qualquer projeto em história oral deve entender o delineamento cuidadoso do corpus documental a ser usado” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 78).

É importante mencionar que muitos estudos que procuram entender os processos de formação inicial e continuada de professores têm motivado investimentos em teorização na metodologia de história oral. (Abrahão, 2004; Alencar, 2019; Baraldi; Garnica, 2004; Cordeiro; Souza, 2010; Fiorentini, 2006; Garnica, 2014; Gomes, 2014, Megid; Fiorentini, 2011; Nacarato; Passeggi, 2013; Silva, 2013; Silva; Baraldi; Garnica, 2013; Soligo; Prado, 2008, para citar alguns). Todavia, existe ainda receio por parte de alguns pesquisadores que desconhecem e desconfiam dessa metodologia como indica Meihy e Holanda (2013, p. 124):

Não se fala, pois, de “exatidões históricas” ou “testemunhos de verdades” ou mesmo de “realidades comprovadas” e sim de visões, construções narrativas, idealizações, que são definidas na exposição dos fatos. Para muitos que nada entendem de história oral, a confiabilidade das entrevistas é fato suspeito, pois a memória falha, erra, desvia, camufla, distorce, inventa. Mas é exatamente isso que interessa. Lembremos: o respeito à empiria expressa no fazer do documento é o tesouro buscado pela história oral capaz de revelar a subjetividade contida nas variações do parâmetro dado pelo estabelecido como verdade.

Assim, estudos que revelem os personagens, suas vivências, suas experiências, suas lutas e visões de mundo, adquirem um novo estatuto ao serem socializadas através da história oral. Essas narrativas devem ser transformadas em documentos que apresentam de maneira contextualizada uma versão da história dos conflitos, das contradições, da “dimensão viva e maleável da vida dos indivíduos imersos na história, sob a ótica contraditória destes, por meio de sua memória, sentimentos e percepção de si mesmos” (Baraldi, 2003, p. 216). Esse tipo de documentação revela aspectos que não seriam percebidos apenas nos registros oficiais e tornam-se essenciais para uma compreensão mais ampla e humana dos processos históricos. Porém como nos esclarece Antonio Vicente Marafioti Garnica em entrevista, devemos

evitar ou evitar o máximo possível a ideia de História Oral como um procedimento constituente de fontes históricas para preencher lacunas, onde não existe, por exemplo, fontes escritas, ou fontes arquiteturas, você vai lá e usa a História Oral, como um recurso de segunda mão. [temos que] fazer com que as diferentes fontes dialoguem, fontes escritas, fontes arquiteturas, fontes orais, iconográficas de um modo geral, elas têm que dialogar (SOUZA, 2006, p. 257)

Assim, por meio da metodologia de História Oral se pode ter acesso não apenas a narrativas do que uma pessoa ou um grupo fez, como também quais eram suas intenções, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.

Em síntese, a metodologia de história oral tem em sua base depoimentos que se constituem em documentos únicos e auxiliarem na reconstrução da memória de alguém ou de um grupo, devolve aos participantes da história um lugar fundamental por meio de suas versões dos acontecimentos. Ademais, estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como: tipos de entrevista e implicações dela para a pesquisa, possibilidades de transcrição e textualização dos depoimentos.

Basicamente, o pesquisador deve seguir alguns passos para utilizar a metodologia de forma adequada:

1. **Definir o objetivo da pesquisa.**
2. **Selecionar os entrevistados.**
3. **Preparar o entrevistador**, que geralmente é o próprio pesquisador. O entrevistador, além de conhecer bem o contexto da pesquisa e dos colaboradores, deve ser capaz de escutar ativamente para garantir uma interação natural e respeitosa com o entrevistado.

4. **Elaborar o roteiro da entrevista** com perguntas que estimulem a memória e promova um relato detalhado. É importante, evitar perguntas fechadas, sugestivas e que limitem a narrativa.
5. **Realizar o contato prévio com os entrevistados** para explicar os objetivos e metodologia da pesquisa, bem como o uso dos elementos coletados. Nesse momento, é fundamental já garantir a autorização formal do entrevistado para gravar e utilizar a entrevista juntamente com os elementos coletados.
6. **Conduzir a entrevista** em uma ambiente confortável, iniciando com perguntas que ajude o entrevistado a se familiarizar com o processo. Adaptar as perguntas do roteiro conforme o desenrolar da conversa, é uma estratégia importante.
7. **Gravar a entrevista** com equipamentos que assegurem a qualidade da gravação.
8. **Transcrever a entrevista** de forma literal, preservando as características do discurso oral, como pausas, interjeições e repetições. Isso irá facilitar a textualização e posterior análise.
9. **Textualização da entrevista.** Nessa etapa é importante transformar o texto transcrito em um formato mais claro e fluído, sem perder a autenticidade do relato ou alterar o sentido das falas. Deve-se manter o vocabulário do entrevistado, mas corrigir erros gramaticais e eliminar elementos que não adicionam sentido ao conteúdo (pausas, interjeições, repetições de palavras). Organize o texto de forma lógica e coesa, caso necessário, reordenando partes da narrativa, conforme a temática e a sequência dos acontecimentos. Inclua notas de rodapé para contextualizar a narrativa ou fornecer informações.
10. **Validar e autorizar o uso do material.** Retorne a textualização para o entrevistado revisar, permitindo que ele faça alterações para garantir que se sinta representado corretamente. Após as modificações, é necessário obter a validação final do entrevistado.
11. **Analisar e interpretar os dados.** Identifique padrões e temas recorrentes ou não e relacione-os à literatura existente, aos objetivos e às perguntas de pesquisa.
12. **Divulgar os resultados,** respeitando a ética, de forma que as contribuições dos entrevistados sejam reconhecidos e suas narrativas respeitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na nossa pesquisa qualitativa, a escolha pela metodologia de história oral foi muito adequada. Por meio dela, é possível apresentar memórias e experiências vividas por meio de narrativas que preenchem lacunas que registros e documentos não permitiram.

Porém, como a pesquisa ainda está em andamento, neste texto não detalharemos o nosso percurso metodológico. Porém, na pesquisa que será apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de doutora, iremos apresentar em forma de monólogos, tanto os dados dos colaboradores como suas memórias, sentimentos e emoções que apresentam situações, possibilidades e dificuldades formativas, projeções profissionais, escolhas e relações sociais estabelecidas por essas escolhas. Além disso, sua percepção sobre a constituição e funcionamento das atividades educativas e formativas realizadas no museu de ciências durante sua monitoria, tanto por eles como por outros envolvidos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALENCAR, A. C. **Vozes do Cariri: monólogos e diálogos sobre a história da formação de professores de matemática no interior do Ceará**. 2019. 346 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro/SP, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182230>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 241 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102158/baraldi_im_dr_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jan. 2022.

BARALDI, I. M.; GARNICA, A.V.M. A Formação de Professores de Matemática na Região de Bauru (SP) nas Décadas de 1960 e 1970: esboço de uma paisagem. **Anais... VIII Encontro Nacional de Educação Matemática**. Universidade Federal de Pernambuco PE, Recife, 2004. Disponível em: <<http://www.sbem.com.br/files/viii/pdf/07/CC13079405870.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CORDEIRO, V. M. R.; SOUZA, E. C. de. (Org.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de escrita**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CPDOC – FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **FGV - Fundação Getúlio Vargas**, 2020. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 de abr. de 2021.

CURY, F. G. De Narrativas a Análises Narrativas: reflexões sobre a análise de depoimentos em pesquisas de história da educação (matemática). **Alexandria - Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 143-164, abril 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/download/37937/28965/125809>>. Acesso: 07 fev. 2024.

CURY. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. 2011. 255 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/473199>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FERREIRA, M. M. (Org.) **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. A. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001. 277 p.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FIORENTINI, D. Uma história de reflexão e escrita sobre a prática escolar em matemática. In: FIORENTINI, D.; CRISTOVÃO, E. M. (Org.). **Histórias e Investigação de/em Aulas de Matemática**. Campinas: Alínea, 2006. p. 13-36.

GARNICA, A. V. M. Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias Contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2014, p. 39-66.

GOMES, M. L. M. Narrativas Autobiográficas e História da Educação Matemática na Formação de Professores a Distância. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História e a Educação Matemática, 2. 2014, Bauru. **Anais...** Bauru: Unesp – Faculdade de Ciências, 2014, p. 196-205.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO; FERREIRA (coord.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 17-25.

KENSKI, V. M. Memória e Ensino. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Faculdade de Educação da Unicamp. n. 90, p. 45-51, ago. 1994.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n.1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MEGID, M. A. B. A; FIORENTINI, D. Formação docente a partir de narrativas de aprendizagem. **Interacções**, Coimbra, v. 7, p. 178-203, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**, 5ª. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. (Re)Introduzindo a história oral no Brasil. In: MEIHY, B. S, J. C (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. 342 p.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral Como Fazer Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S.L.S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

NACARATO, A. M.; PASSEGGI, M. C. Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras: representações sobre a matemática escolar. **Revista Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 287-299, set./dez. 2013.

NAKAMURA, M. E. F. P.; GARNICA, A. V. M. A História Oral e alguns percursos metodológicos para compreender aspectos de uma experiência educacional paulista: Os Vocacionais. In: XIV Encontro Nacional de História Oral, p. 14, 2018, Campinas/SP. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2018. Disponível em:

<[http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA\(2018\).pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA(2018).pdf)>. Acesso em: 17 de mar. 2021.

SILVA, H. da. Integrando história oral e narrativas a abordagens pedagógicas problematizadoras na formação inicial de professores de matemática. **Revista Educação PUC-Campinas**. Campinas, v. 18, n. 3, p. 269-285, set./dez. 2013.

SILVA, H. da; BARALDI, I. M.; GARNICA, A. V. M. Sentidos para a pesquisa com narrativas (em Educação Matemática). In: FLORES, C. R.; CASSIANI, S. (Org.). **Tendências contemporâneas nas pesquisas em Educação Matemática e Científica**: sobre linguagens e práticas culturais. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 61-89.

SOLIGO, R.; PRADO, G. do V. T. Quem Forma Quem, Afinal? In: VICENTINI, A. A. F. et al (Org.). **Professor-Formador**: histórias contadas e cotidianos vividos. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, p. 17-50, 2008.

SOUZA, L. A. **História Oral e Educação Matemática**: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões. 2006, 313 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c2c3e70a-94d8-4a4a-80aa-527933bd3bc7/content>>. Acesso em: 12 maio 2023.